

## A TERRA COMO GRANDE SERTÃO: O SER E O SERTÃO NA LITERATURA BRASILEIRA

Rafaela do Prado Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo traduzir o conceito da geofilosofia do filósofo francês Gilles Deleuze (1992) para o solo da vida sertaneja, procurando estabelecer um pensamento que se faz, sob o sol, sobre o solo. Isso será realizado através da interpretação do pensamento deleuziano e do seu confronto com *Grande sertão: veredas*, obra literária que aborda o sertão brasileiro.

**Palavras-chave:** Geofilosofia; Literatura; Ser; Sertão.

**Abstract:** This paper aimed to translate the concept of geophilosophy the French philosopher Gilles Deleuze (1992) for the ground life “sertaneja”, seeking establish thinking that is does, under the sun, on the ground. This will be done through the interpretation of Deleuze’s thought and his confrontation with “*Grande Sertão: veredas*”, literary work that approaches the Brazilian “sertão”.

**Keywords:** geophilosophy; Literature; Being; Sertão.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. E-mail: rafa.rprodriques@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

Gilles Deleuze é conhecido como filósofo da diferença, algo que se evidencia em seu pensamento, em especial a partir da ligação que ele faz da filosofia com a arte, a literatura, o cinema, a música. Para Deleuze (1992), filosofar é pensar a partir de problemas que ele entende como decorrentes de signos que forçam o pensamento e que levam ao surgimento de uma nova inteligência, de uma nova crítica e interpretação, sobretudo de uma nova criação em filosofia. O filósofo francês não reflete sobre a arte em si, mas sobre a criação de conceitos que a arte suscita a partir de seus problemas.

Na obra *O que é filosofia?* Deleuze (1992), juntamente com Felix Guattari, apresenta o conceito de geofilosofia. Esse conceito filosófico parte da questão, aparentemente simples, sobre a ligação do pensamento com a terra. Para os filósofos o pensamento, se faz primeiramente a relação do território com a terra. Pensando nessa ligação *pensamento/terra* é que falo do sertão.

O sertão aparece na história brasileira como uma espécie de ponto cego, um não-lugar em que o território do país se desencontra dele mesmo, uma terra de ninguém ou um deserto nacional por excelência. Ele é o espaço de uma deserdação atávica, intrínseca, da anti ou contra-natureza. Mas, com isso, além de aparecer simbolicamente como um lugar à parte, ele dá origem a tipos igualmente descontraídos, inclassificáveis. Em especial, o tipo quase não-humano do sertanejo.

Mas, por outro lado, talvez por essa condição mesmo, o sertão torna-se um território privilegiado para se pensar o Brasil e seu povo, suas idéias mais profundas. Uma certa imagem do país e de seu pensamento, em resumo, um certo imaginário brasileiro; é assim que ele aparece em algumas obras da literatura brasileira, especialmente em *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa.

Portanto, tentarei traduzir o conceito da geofilosofia de Deleuze (1992) para o solo da vida sertaneja, procurando estabelecer as condições de um pensamento que se dá sobre esse território.

## O PENSAMENTO E A TERRA

Pensar o espaço, o lugar é uma característica indispensável à esta comunicação, pois tem como objetivo traduzir um pensamento que se faz sobre um solo, sobre um território. Mas o que é o lugar? O que é o espaço? O território? A paisagem? Entendemos por lugar o espaço em que habitamos, um espaço ocupado. Michel Certeau afirma que “[...] o lugar seria o arranjo, ou seja, a forma pela qual os elementos se organizariam.

Assim, ele poderia ser entendido como uma configuração de posições com características estáveis” (CERTEAU: 1994, p. 201).

Observamos que para o autor, o conceito de lugar está relacionado ao conceito de espaço. O espaço aparece como um lugar, mais ou menos delimitado, onde há uma interação com quem o habita, ou seja, o espaço é o lugar quando posto em dinâmica, em movimento. Estabelecemos uma relação com o espaço e podemos construí-lo, de acordo com as nossas características, com os nossos gostos, para que possamos nos sentir à vontade dentro dele. O espaço é onde tudo acontece.

O território é denominado como a área de um país, um estado, ele é uma extensão considerável da terra. O território aparece como um nome político para o espaço de um país. Cada um desses espaços tem sua peculiaridade e é através dele que se delimitam momentos históricos e culturais de um povo. Cada território apresenta uma paisagem diferente. A paisagem é um conjunto de estruturas naturais de um determinado lugar, um espaço que se abrange num lance de vista, ela é sempre relacionada com a visualização. Existem vários tipos de paisagens; rural, urbana, humanizada ou natural.

Percebemos que o conceito de lugar, espaço, território e paisagem não é algo estável, ao contrário, é mutável a partir das relações que acontece sobre eles. É através dessas relações que ela deixa de ser algo definido somente físico e passa a fazer parte do mundo das ideias.

Da antiguidade à contemporaneidade, o conceito de terra, de espaço, é abordado pela filosofia, o que força uma ligação do pensamento com a terra. Essa ligação do pensamento com a terra nos remete à origem da filosofia. Primeiro, pela ruptura com o mito, que é uma narrativa sobre a origem das coisas, e pelo surgimento dos filósofos naturalistas, que se ocupam fundamentalmente com a origem do mundo e as causas das transformações na natureza. Xenófanos, por exemplo, acreditava que a terra era princípio de todas as coisas (Arché). Segundo, pela ligação da filosofia com a terra social e política, na medida em que o filósofo é um cidadão da *pólis* grega, ou seja, houve uma ligação do pensamento com a terra, na medida em que houve o surgimento da vida urbana, o surgimento de um espaço público, que faz aparecer um novo tipo de palavra ou de discurso, diferente daquele que era proferido pelo mito.

Na contemporaneidade, Deleuze e Guattari (1992) fazem essa ligação do pensamento com a terra de maneira geográfica, o que vão denominar de uma geofilosofia, ou seja, uma geografia que não se limita ao mundo físico, mas que vai além, uma geografia mental, uma geofilosofia.

## GEOFILOSOFIA

Diferente de vários filósofos, para Deleuze e Guattari (1992) o pensamento não acontece somente em relação ao sujeito e o objeto, o pensamento se faz primeiramente em relação com a terra. “Pensar não é um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma revolução em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 113). Para surgir um pensamento, para nascer uma filosofia é preciso um solo, um meio, que é a própria terra. A filosofia poderia muito bem ter nascido em qualquer lugar que não em Atenas, porque em vez de origens, a filosofia tem apenas um meio que é favorecido sobre certas condições. Assim, o que Deleuze e Guattari (1992) querem dizer com o conceito de “geofilosofia”, relacionando pensamento e terra, é que o surgimento da filosofia depende mais de um meio do que de uma origem.

Esse meio é denominado meio de imanência, lugar onde surge o pensamento, onde há uma liberdade de opinião, uma sociabilidade e um prazer de se associar. Esse meio é a condição, de fato, para o exercício da filosofia. Uma grande filosofia surge quando o pensamento que a cria é lançado por um movimento de quem habita o lugar e a sua relação com o território.

Em uma entrevista cedida à Claire Parnet no ano de 1988, Deleuze afirma que a questão do território o fascina completamente. Segundo o filósofo, o território é o domínio do ter, isto é, “minhas propriedades”, e sair dele é se aventurar. Porém, o território só vale em relação a um movimento através do qual se sai dele. “Somos, sobre a terra, como lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água” (Deleuze e Guattari: 1992, p.113). Nessa perspectiva, a terra se confunde com os nossos movimentos.

Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pelo qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa seu território, lagostas que se põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste. A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um e de outro para desterritorializar o território.

Os autores falam de duas maneiras de pensar, de duas desterritorializações: de modo relativo e de modo absoluto. De modo relativo, na medida em que se relaciona com fatores físicos, psicológicos ou sociais, e de modo absoluto, na medida em que a terra se torna um lugar do pensamento, um plano de imanência, um meio para se formar opiniões, amigos, etc. Pensando, então, a partir desta relação do pensamento com o território e a terra, seria possível falar de um pensamento que nasce no sertão brasileiro, de uma

filosofia sertaneja? Os filósofos dizem que sim, que é possível se falar em várias filosofias, desde que haja a criação de conceitos. Deleuze e Guattari (1992, p.122) dizem que:

sim, na medida em que o pensar ocorre sobre um plano de imanência que pode ser povoado de figuras tanto quanto de conceitos. Este plano de imanência, todavia, não é exatamente filosófico, mas pré-filosófico. Ele é afetado pelo que o povoa, e que reage sobre ele, de modo que só se torna filosófico sob o efeito do conceito: suposto pela filosofia, ele não é menos instaurado por ela, e se desdobra numa relação filosófica com a não filosófica.

O sertão então surgiria como o plano de imanência, povoado de figuras e conceitos.

Por que o sertão e não qualquer outro território? Porque é preciso toda uma conjunção, uma interação entre a terra e quem a habita, para que haja uma filosofia. E vemos no sertão um plano que efetivamente conjuga as vidas que nele habita. Nesse território, a terra é afetada por quem a povoa e também vice-versa, os indivíduos são afetados pelo lugar. O sertanejo, homem que povoa o sertão, para enfrentar os problemas do lugar, se torna filósofo nato, criador de seu próprio conceito.

Percebemos, assim, que a geofilosofia de Deleuze e Guattari é uma filosofia social e política, na medida em que há uma relação da filosofia com o seu plano de imanência, seus conceitos e personagens conceituais. Portanto, quando há uma relação com a terra e com seu povo, há uma relação com um território nacional e seus tipos psicossociais e históricos.

## **DELEUZE E A LITERATURA; A LITERATURA E O SERTÃO**

Deleuze é considerado o filósofo da diferença, porque ele amplia o lugar privilegiado da reflexão ao fazer filosofia fora do seu tradicional lugar: o conceito, puro e simplesmente. Ele pensa a partir da arte, da literatura e da música “[...] para Deleuze, o objeto principal da filosofia é o exercício do pensamento presente na filosofia, mas também nas ciências, nas artes, na literatura. O pensamento não é um privilégio da filosofia; filósofos cientistas, artistas são antes de tudo pensadores” (MACHADO, 2010, p. 13). O que interessa à ele não é a arte em si, mas a atividade intrinsecamente filosófica da criação de conceitos que a arte suscita a partir de seus problemas. Na perspectiva de Deleuze, a arte e a literatura se conectam sempre com problemas filosóficos. Elas oferecem a possibilidade de ir mais longe na criação filosófica, abordando e questionando problemas postos pela própria criação literária, como descreve Roberto Machado (2010, p.12-13):

quando sua filosofia se põe em relação intrínseca com saberes de outros domínios - com outros modos de expressão -, o objetivo não é fundá-los, justificá-los, ou legitimá-los, mas estabelecer as conexões ou ressonâncias de um domínio a outro a partir da questão central que orienta suas investigações: o que significa pensar?, o que é ter uma idéia? na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura.

Para o filósofo francês, os grandes personagens da literatura são grandes pensadores, de maneira tal, que uma obra literária tanto traça conceitos de forma implícita, quanto traça perceptos. A obra literária também tem o poder de desarticular a língua padrão, formando uma nova língua e esse processo de desterritorialização da linguagem é defendido por Deleuze, como afirma Machado (2010, p. 206-207):

Deleuze defende a existência de várias línguas numa mesma língua, com as quais o escritor poderá criar a sua ou desequilibrar a língua padrão, dominante, desestabilizar as formações linguísticas canônicas. [...] fundamentalmente o que interessa a Deleuze na questão da linguagem literária é o estilo como uma nova sintaxe que possibilita que o escritor produza um devir-outro da língua, um delírio que a faz sair dos eixos, dos trilhos, que a faz escapar do sistema dominante. Assim, ele privilegia na literatura o modo como o escritor decompõe, desarticula, desorganiza sua língua materna para inventar uma nova língua, uma nova língua marcada por um processo de desterritorialização.

Essa ligação entre filosofia e saberes de outros domínios, principalmente em relação à literatura, tem vários aspectos a serem considerados. Neste contexto, é importante destacar a relação do sentir-pensar, que é o que Deleuze (1992) propõe em sua geofilosofia.

Percebemos, claramente, essa relação do sentir-pensar em algumas obras da literatura brasileira que aborda o sertão. Terra de sol forte, de fauna e flora peculiar, de água escassa, de caatinga, o sertão é o território privilegiado no sentido de forçar uma ligação com a terra. É justamente ali, onde todos os elementos faltam ou onde a natureza parece conspirar contra a existência do homem, que a terra mostra, por inteiro, o seu valor. Nesse caso, partimos da ideia de que o sertão é um plano, um elemento presente e ativo que efetivamente conjuga as vidas que nele habita.

Os indivíduos que habitam o sertão são chamados sertanejos. Homens de modos simples, seres peculiares, homens sofridos que, ao mesmo tempo, se tornam poetas, homens de luta, homens do sertão. O sertão se torna um plano de imanência, um lugar para o pensamento. O ser e o sertão não se separam como dois personagens distintos, eles se completam. Não é possível pensar o sertanejo fora do sertão. O sertanejo cria o mundo dentro do mundo, cria a linguagem dentro da linguagem, e esse modo peculiar de ser filosófico se faz por consequência do território.

João Guimarães Rosa evidencia, em sua obra *Grande sertão: veredas*, esta relação do sentir-pensar. Ele descreve muito bem o sertão e o ser do sertão. Na narrativa,

Riobaldo, ser tipicamente brasileiro, nordestino, sertanejo, conta suas aventuras e desventuras, revelando muitas facetas do sertão como paisagem natural, paisagem humana, paisagem religiosa e, sobretudo, como lugar do mistério. O sertão é descrito como lugar onde o povo vive suas sinas, seus amores e sabores, suas alegrias e seus sofrimentos. Lugar onde o povo sente a terra e vive a partir dela “Sertão: é dentro da Gente.” (ROSA, 2006, p.270). Rosa mesmo dizia: “Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão”. Terra que se desterritorializa e se reterritorializa, “Sertão – se diz –, o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.” (ROSA, 2006, p. 355).

Riobaldo através de suas falas revela-se um ser que especula, que pensa. Em um trecho ele afirma que em suas andanças pelo sertão, não havia muito tempo para exercitar o pensamento, mas que o tempo, estabelecido agora por ele mesmo, pode se permitir as especulações. No trecho do romance de Rosa (2006, p.26), encontramos a seguinte fala do personagem:

De primeiro eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem moi no asp'ro, não fantaseia. Mas agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia.

Assim como um bom filósofo, ele tem muitas perplexidades e poucas certezas. Tanto que afirma: “Eu quase que nada sei” (Rosa: 2006, p. 154), e, mesmo na sua provável ignorância, sintetiza talvez uma discussão sobre o desaparecimento de um horizonte transcendente e afirma a finitude da vida quando diz: “[...] o senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com astúcia. Deus mesmo, quando vier, que venha armado!” (ROSA: 2006, p. 19). Além disso, reconhece o devir eterno das coisas, sua transformação incessante, “o senhor... mire e veja: o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando - afinam ou desafinam, - verdade maior é o que a vida me ensinou” (Rosa: 2006, p. 15).

Guimarães Rosa teve a preocupação de mostrar o sertão de várias formas e o sertanejo como um instrumento para definir a nacionalidade: “o sertão está em toda parte [...] o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA: 2006, p. 8; 73). O sertanejo, em seus cortejos e suas andanças, está sempre em contato com a terra, com os animais, com o céu. Ele interage o tempo todo com o sertão. Ele é guerreiro, é a “rocha viva” como afirma Euclides da Cunha, em sua obra Os sertões. Ele nunca deixará de ser o sertanejo. Segundo Rosa (2006, p. 405), “um outro pode ser a gente; mas a gente não pode ser um outro, nem convém...”.

Observamos, na narrativa de Riobaldo, o amor por esse lugar e como esse lugar influencia no modo de ser e pensar dos indivíduos que o habita. O sertão é onde

encontramos várias realidades sociais, vistas em todo o país: desigualdade, fome, sede, conflito, amor, esperança, falta de esperança, tudo se encontra lá. O sertanejo, ele não é. Ele enfrenta. E muitas vezes sofre preconceito por ser o ser do sertão, o ser tipicamente e genuinamente brasileiro.

A grande sacada de Guimarães Rosa é que, na sua obra, os habitantes do sertão não são apresentados a partir de preconceitos culturais. Surpreende, nos personagens, o retrato de indivíduos que tem uma vida linda, com seus ódios seus amores, sua coragem e seus medos, enfim, seres do sertão, seres da condição humana, nós. No mundo, o homem se reúne às coisas, mas no sertão o homem deve descobrir e ocupar seu lugar próprio destinado, entre as coisas. O mundo é a medida do homem. O sertão é a medida do sertanejo.

## GUIMARÃES ROSA E A FILOSOFIA

João Guimarães Rosa foi médico, diplomata, poeta, um grande escritor da literatura brasileira. Mas pode ser considerado um filósofo? Sim. Primeiro, por Rosa ser um apaixonado pelo saber, pela compreensão da vida e do mundo em que está inserido, embora afirme que a filosofia é a maldição do idioma e mata a poesia, desde que não venha de Kierkegaard ou Unamuno, filósofos admirados por ele. Segundo, porque sua obra carrega um elevado teor de indagações e reflexões filosóficas. *Grande sertão: veredas*, por exemplo, se realiza como obra que repercute e força um pensar sobre a vida, o homem e o mundo, que força uma relação do pensamento com a terra.

Nesse refletir sobre a vida, o homem e o mundo, o escritor demonstra em suas obras aspectos da existência humana em seu mais profundo conflito, que se expressa entre os próprios seres humanos e o meio em que estão inseridos. Conflitos como: bem e mal, amor e ódio, vida e morte. Temas universais abordados pela filosofia e que são, na literatura rosiana, elevados ao real, através de imagens e de metáforas. .

Nas narrativas de Rosa, os personagens são grandes pensadores, grandes questionadores. Porém, não se trata de personagens inventados e criados pelo Guimarães Rosa, se trata do próprio Guimarães Rosa biograficamente refletido no personagem que construiu. Para ele (Apud. LORENZ, 1983, p. 84):

a legítima literatura deve ser vida. Não há nada de mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo 'compromisso de coração'. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve.

Percebemos, nos escritos de Guimarães Rosa, aquilo que podemos chamar de uma filosofia existencial, nos quais o ser só pode ser compreendido enquanto ser no mundo. No caso de Rosa e do presente trabalho, o ser no sertão, que não deixa de ser um mundo.

Por sua maneira peculiar de escrever, criando uma língua dentro da própria língua, um mundo dentro do próprio mundo, criando personagens que são grandes pensadores, podemos dizer que, Guimarães Rosa, através de sua literatura, tanto traça conceitos, quanto traça perceptos. E é por isso que existe filosofia ainda hoje, porque sempre há um lugar para criar conceitos.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se então que Deleuze (1992), com a criação do conceito da geofilosofia, na qual o pensamento se faz primeiramente em relação ao território e a terra, faz com que possamos conectar sua filosofia com várias outras práticas não filosóficas, no sentido tradicional. Como, nesse caso, relacionar e traduzir o seu conceito para o território brasileiro, à medida que a sua filosofia interage com a literatura. Nessa interação da filosofia com a literatura ficou claro que o sertão apresentado por João Guimarães Rosa é um lugar onde a geofilosofia está presente, um território onde acontece uma relação como pensamento e a terra, com a terra e o território. Onde existe uma conjunção, uma interação da terra com quem a habita, há condição, de fato, para o surgimento de uma filosofia.

Sertão, plano de imanência com seus personagens, é o lugar de criação de seus próprios conceitos. Sertão lugar, espaço que se apresenta como um local poético, onde homens simples, jagunços, indivíduos que levam uma vida de muitas dificuldades, mas deixam-se fazer verdadeiros poetas, tornam-se verdadeiros filósofos. O Sertão surge, assim, como lugar ideal para descrever o Brasil e seu povo.

No mundo, todos estamos integrados nas veredas da história. Terra eclodindo, manifestando-se no ser humano. Condições de um pensamento que se faz sob o sol, sobre o solo, lavrando a página.

**REFERÊNCIAS**

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- LORENZ, G. “Diálogo com Guimarães Rosa”, in COUTINHO, E. F. **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, [Brasília]: INL, 1983. (Coleção Fortuna Crítica; v. 6).
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.